

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Cristina Torres Lopes

**ENTRE A TÉCNICA E O CUIDADO: A MORTE MEDICALIZADA E OS CUIDADOS
PALIATIVOS À LUZ DA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Luciano Caldas Camerino.

Juiz de Fora – MG
2026

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ANA CRISTINA TORRES LOPES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202472069A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ENTRE A TÉCNICA E O CUIDADO: A MORTE MEDICALIZADA E OS CUIDADOS PALIATIVOS À LUZ DA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER**, desenvolvido durante o período de 11 DE JULHO DE 2025 a DATA DO FINAL DO TCC sob a orientação de LUCIANO CALDAS CAMERINO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 03 de julho de 2026.

ANA CRISTINA TORRES LOPES

Aos meus pais, Hélió, Nazareth e Eduardo.
Tudo o que sou carrega um pouco de vocês...

"A morte não é um acontecimento no fim da vida,
mas uma possibilidade que acompanha toda a existência."
Inspirado em Martin Heidegger

AGRADECIMENTOS:

Ao meu marido, Weiler, meu lar, meu companheiro de jornada com quem escolho dividir a vida todos os dias. Obrigada por caminhar ao meu lado desde os nossos 19 anos, compartilhando comigo uma vida inteira de histórias, sonhos, desafios e conquistas. Seu apoio, incentivo e ajuda foram fundamentais para que eu tivesse a coragem de voltar à faculdade e persistir nessa caminhada. Esta conquista também é sua, e é fruto do seu apoio e da confiança que sempre depositou em mim. Minha sincera gratidão por estar ao meu lado em cada etapa deste percurso.

Às minhas filhas, Maria Vitória e Amanda, meu amor mais profundo, meu orgulho e minha maior alegria. Vocês foram as maiores incentivadoras desta caminhada e estiveram presentes em cada etapa, acreditando em mim mesmo quando eu duvidava de minhas próprias capacidades. Vocês são minhas amigas, confidentes e minhas companheiras de vida. Em vocês encontro amor, força, acolhimento e inspiração. Se hoje concluo esta etapa, é porque tive o privilégio de caminhar acompanhada por vocês. São minha razão de viver e um dos maiores presentes que a vida me deu. Amo vocês mais do que as palavras poderiam expressar.

À minha tia Regina, minha mãe de coração, por todo amor, cuidado e apoio ao longo da minha vida. Depois da partida da minha mãe, sua presença se tornou ainda mais valiosa. Me ajudou a seguir em frente nos momentos mais difíceis. Sua determinação, sua resiliência e generosidade sempre foram fonte de inspiração para mim. Obrigada por ser minha base quando eu precisei de apoio, por acreditar em mim e por me ensinar, através do exemplo, que a força nem sempre está na ausência de sofrimento, mas na capacidade de continuar caminhando apesar dele.

Aos meus sogros, Weiler e Iêdda, que a vida transformou em pais. Há quase quarenta anos acompanham minha caminhada, compartilhando alegrias, desafios e conquistas. O apoio de vocês esteve presente em muitos momentos importantes da minha vida, e esta conquista também carrega um pouco de cada gesto de afeto que recebi ao longo desses anos. Minha eterna gratidão.

Ao professor Luciano Camerino, agradeço não apenas pela orientação deste trabalho, mas por todos os ensinamentos, pela amizade e pelo incentivo constante. Em muitos momentos, sua confiança em mim foi maior do que aquela que eu mesma conseguia ter. Sua calma, sua humildade, seu vasto conhecimento filosófico, seu bom humor e sua disposição para ouvir, fizeram toda a diferença nesta caminhada. Foi através da disciplina *Reflexões Filosóficas sobre a Morte* que nasceu o interesse que deu origem a esta pesquisa.

Há professores que ensinam uma disciplina. A professora Luiza Fonseca Regattieri apresentou um mundo. Em suas aulas, conduzidas com entusiasmo e uma paixão contagiante pela Filosofia, descobri não apenas um campo de conhecimento, mas um caminho que escolhi seguir. Se hoje percorro este caminho, é porque um dia você me mostrou que ele também poderia ser o meu.

Ao professor Paulo Afonso de Araújo, que acompanha esta etapa da minha trajetória como avaliador e que, na próxima, assumirá a orientação do meu Mestrado. Espero corresponder à confiança depositada em mim e seguir construindo, sob sua orientação, um caminho de aprendizado e pesquisa. Que essa nova caminhada se inicie. Caminharemos juntos com Heidegger, e espero poder aprender e apreender tudo o que vocês dois ainda têm a me ensinar ao longo dessa jornada.

Minha família, meus amigos e amigas que foram incansáveis lendo meus projetos, sempre compartilhando seu tempo, suas sugestões e seu carinho, tornando essa caminhada muito mais leve.

E à Ana, que não desistiu de escrever este trabalho, mesmo quando acreditou que não conseguiria. E conseguiu!

ENTRE A TÉCNICA E O CUIDADO: A MORTE MEDICALIZADA E OS CUIDADOS PALIATIVOS À LUZ DA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER

Ana Cristina Torres Lopes¹

RESUMO

A morte é uma experiência universal e inevitável que acompanha a existência humana em todas as épocas e culturas. No entanto, os avanços da medicina moderna e a crescente medicalização da vida transformaram o processo de morrer em um acontecimento frequentemente afastado do convívio social e familiar, muitas vezes reduzido a uma questão técnica. Este trabalho tem como objetivo refletir filosoficamente sobre a morte, compreendendo-a não apenas como um evento biológico, mas como uma dimensão constitutiva da existência humana. Para isso, toma como referência principal a filosofia de Martin Heidegger, especialmente sua compreensão da finitude e do ser-para-a-morte (Sein-zum-Tode), segundo a qual a consciência da mortalidade pode contribuir para uma existência mais autêntica. A pesquisa também aborda a crítica à medicalização da morte e discute a proposta dos cuidados paliativos como uma prática voltada à promoção da dignidade, do conforto e da qualidade de vida diante da impossibilidade da cura. Por meio de pesquisa bibliográfica, busca-se compreender de que maneira a reflexão filosófica pode contribuir para uma visão mais humana do morrer, reconhecendo que, mesmo quando não é mais possível curar, ainda é possível cuidar.

PALAVRAS-CHAVE: morte; finitude; cuidados paliativos; Heidegger; medicalização da morte.

ABSTRACT

Death is a universal and inevitable experience that accompanies human existence across all times and cultures. However, advances in modern medicine and the increasing medicalization of life have transformed the dying process into an event often removed from social and family life, frequently reduced to a technical issue. This study aims to provide a philosophical reflection on death, understanding it not merely as a biological event, but as a constitutive dimension of human existence. To this end, the research is primarily grounded in the philosophy of Martin Heidegger, especially his concepts of finitude and being-toward-death (Sein-zum-Tode), according to which the awareness of mortality can contribute to a more authentic existence. The study also addresses the critique of the medicalization of death and discusses palliative care as an approach focused on promoting dignity, comfort, and quality of life when cure is no longer possible. Through bibliographical research, this work seeks to understand how philosophical reflection can contribute to a more humane view of dying, valuing care, respect for the uniqueness of each individual, and the acceptance of finitude as an integral part of the human condition.

KEYWORDS: death; finitude; palliative care; Heidegger; medicalization of death.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Luciano Caldas Camerino.

1.1. Contextualização do tema:

A morte é uma experiência inevitável e universal, presente em todas as culturas e épocas da história. Mais do que um simples fim do viver, ela se apresenta como um fenômeno existencial que desafia o ser humano a pensar a respeito do sentido da vida. Desde os mitos antigos até as filosofias contemporâneas, o morrer foi interpretado como passagem, destino, mistério.

Martin Heidegger, em *Ser e Tempo*, afirma que a morte é a “possibilidade mais própria” do ser humano, aquela que não pode ser transferida ou substituída. Por esse ponto de vista, a finitude é colocada como elemento que faz parte da existência, lembrando que viver é sempre um caminhar em direção à morte. Encarar de frente a finitude, longe de ser apenas motivo de angústia, pode abrir espaço para uma vida autêntica, vivida com consciência da sua limitação.

Ao longo da vida, somos constantemente ensinados a lidar com o nascer, o crescer, o produzir, mas dificilmente com o morrer. A morte, ainda que inevitável, permanece como um tema deslocado, muitas vezes evitado ou tratado de forma indireta, quase como se não nos dissesse respeito enquanto estamos vivos. Foi a partir desse incômodo que surgiu o interesse por este trabalho, para que buscasse compreender de que maneira, na contemporaneidade, o processo de morrer vem sendo conduzido e, principalmente, o que se perde quando ele é reduzido a uma dimensão estritamente técnica, impessoal. Esta pesquisa nasce mais de inquietações do que de respostas prontas, buscando pensar a morte não apenas como um evento biológico, mas também como uma experiência profundamente humana, atravessada por sentidos, escolhas e formas de cuidado.

Nesse contexto, a medicalização da morte se apresenta como uma característica marcante do nosso tempo, marcada pela perda de autonomia do sujeito sobre seu próprio processo de morrer. Por outro lado, os cuidados paliativos surgem como uma proposta que busca resgatar a importância do cuidado, não apenas no sentido clínico, mas também humano, ao valorizar o alívio do sofrimento em suas inúmeras dimensões e ao reconhecer a dignidade do viver até o fim.

Os cuidados paliativos surgiram na segunda metade do século XX como resposta às limitações da medicina curativa diante de doenças graves e incuráveis. A médica britânica Cicely Saunders (1918–2005) é considerada a fundadora do movimento, tendo criado o St. Christopher’s Hospice em Londres (1967). Sua proposta era oferecer não apenas tratamento físico, mas também suporte emocional, social e espiritual, inaugurando uma nova forma de compreender o cuidado no fim da vida, trazendo dignidade num momento tão difícil, tanto para os pacientes quanto para a família.

Nesse debate, Luciano Caldas Camerino, em *Ser sujeito da morte*, reforça a importância de compreender o morrer como experiência de sujeito. Sua reflexão aproxima filosofia e prática clínica, destacando que assumir a finitude é condição para preservar autonomia e dignidade. Ao lado de Heidegger e Saunders, Camerino amplia o horizonte deste estudo, mostrando que pensar a morte como experiência existencial, fortalece a prática dos cuidados paliativos e resgata o sentido humano do morrer.

A filosofia dos cuidados paliativos parte do reconhecimento de que, quando não é mais possível curar, ainda é possível cuidar. O foco desloca-se da luta contra a morte para a promoção da dignidade, do conforto e da qualidade de vida. Dessa forma, a relevância deste estudo surge da necessidade de refletir criticamente sobre os modos contemporâneos de lidar com a morte, questionando uma abordagem centrada na técnica e abrindo espaço para uma abordagem mais sensível à ética da finitude. Busca-se também trazer maior conscientização sobre a ideia, ainda bastante presente, de que a medicina existe apenas para curar. Muitas vezes, quando as possibilidades de cura se esgotam, cria-se a impressão de que nada mais pode ser feito. No entanto, é justamente nesse momento que o cuidado se torna ainda mais necessário. Os cuidados paliativos propõem uma mudança de olhar, como afirma Ana Cláudia Quintana Arantes (2019), mesmo quando a cura não é mais possível, o cuidado continua sendo fundamental para garantir qualidade de vida e aliviar o sofrimento do paciente e de seus familiares.

Assim, este trabalho pretende refletir criticamente sobre a medicalização da morte e destacar a relevância dos cuidados paliativos como prática que resgata a dignidade e a humanidade no processo de morrer, à luz da filosofia de Martin Heidegger e das contribuições de autores como Cicely Saunders, Ana Cláudia Quintana Arantes, Luciano Caldas Camerino e Norbert Elias.

1.2. Justificativa:

A escolha deste tema não surgiu apenas de um interesse teórico, mas também da percepção de que as formas de morrer na contemporaneidade podem ser profundamente distintas. A experiência de acompanhar processos de morte em diferentes contextos despertou questionamentos sobre o papel das instituições de saúde, da família e do cuidado nos momentos finais da vida. Essas inquietações levaram à reflexão sobre os impactos da medicalização da morte e sobre a possibilidade de abordagens que preservem a dignidade e a dimensão humana do morrer.

Além disso, a relevância social do tema se evidencia na crescente discussão sobre cuidados paliativos como alternativa à lógica estritamente técnica da medicina curativa. Trata-se de um campo que busca resgatar o valor do cuidado integral, reconhecendo que o fim da vida não é apenas um evento biológico, mas também uma experiência existencial e ética.

Do ponto de vista acadêmico, este trabalho se justifica pela necessidade de aproximar a filosofia de Martin Heidegger, especialmente sua reflexão sobre a finitude e a autenticidade, das práticas contemporâneas de saúde. Esse diálogo pode contribuir para ampliar a compreensão sobre o morrer, ajudando a refletir sobre políticas e práticas que respeitem a singularidade da experiência humana diante da morte.

1.3. Objetivos:

Objetivo geral:

Refletir criticamente sobre a medicalização da morte e destacar a relevância dos cuidados paliativos como prática que resgata a dignidade e a dimensão humana do morrer, à luz da filosofia de Martin Heidegger e das contribuições de autores como Cicely Saunders, Ana Cláudia Quintana Arantes, Luciano Camerino e Norbert Elias.

Objetivos específicos:

- Analisar a concepção de morte em Martin Heidegger, especialmente a noção de ser-para-a-morte e sua relação com a autenticidade da existência.
- Discutir os impactos da medicalização da morte na contemporaneidade, considerando seus efeitos sobre a autonomia e a experiência do sujeito.
- Investigar a origem e os princípios dos cuidados paliativos, ressaltando sua proposta de cuidado integral e humanizado.
- Relacionar a filosofia heideggeriana da finitude com as práticas de cuidados paliativos, evidenciando como ambos podem contribuir para uma ética da dignidade no processo de morrer.
- Integrar a reflexão de Luciano Camerino sobre o sujeito da morte, mostrando como sua proposta aproxima filosofia e prática clínica e amplia o debate sobre autonomia e dignidade no fim da vida.
- Chamar a atenção de como a sociedade lida com aqueles que estão diante da possibilidade da morte.

1.4. Metodologia:

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, voltada para a reflexão teórica sobre a medicalização da morte e os cuidados paliativos à luz da filosofia de Martin Heidegger.

A investigação será desenvolvida a partir da análise de obras filosóficas, especialmente *Ser e Tempo* (1927), em que Heidegger discute a finitude e o ser-para-a-morte como dimensões constitutivas da existência humana. Além disso, serão consideradas contribuições de autores que dialogam com essa temática, como Cicely Saunders, fundadora dos cuidados paliativos, Ana Cláudia Quintana Arantes, referência nacional na crítica à medicalização, Luciano Caldas Camerino, cuja obra *Ser sujeito da morte* aproxima filosofia e prática clínica ao destacar a importância de compreender o morrer como experiência de sujeito e Norbert Elias em seu livro *A Solidão dos Moribundos*.

O método adotado é o hermenêutico-reflexivo, com o objetivo de interpretar conceitos filosóficos e relacioná-los às práticas ligadas ao processo de morrer. A análise busca aproximar a filosofia dos cuidados paliativos, destacando possibilidades de uma compreensão mais humana da finitude.

O objetivo é contribuir para a reflexão sobre o morrer na contemporaneidade, ressaltando a importância de formas de cuidado que preservem a dignidade e o valor humano da experiência da morte.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Fundamentação Teórica:

2.1.1. Heidegger e a Finitude:

A reflexão sobre a morte ocupa um lugar central na filosofia de Martin Heidegger, especialmente em sua obra *Ser e Tempo* (1927). Para o filósofo, a morte não deve ser compreendida apenas como um evento biológico ou como o término da vida, mas como a "possibilidade mais própria" do ser humano, aquela que não pode ser transferida ou substituída. Como afirma Heidegger, a morte é "a possibilidade mais própria do ser-aí". Nesse sentido, a finitude não é um acidente externo, mas uma dimensão fundamental da existência.

Heidegger descreve o ser humano como um ser-para-a-morte, ou seja, alguém cuja vida está sempre atravessada pela consciência de sua finitude. Essa condição, longe de ser apenas motivo de angústia, abre a possibilidade de uma existência verdadeira, vivida com consciência de sua limitação. A morte não é apenas o fim, mas aquilo que dá forma ao modo como vivemos, lembrando que cada escolha deve ser feita tendo a finitude como referência. O foco não é apenas "como morrer", mas "como viver sabendo que se vai morrer". É justamente o reconhecimento da finitude que faz com que nossas escolhas ganhem sentido ao longo da vida.

A angústia diante da morte, segundo Heidegger, não se reduz ao medo de perder a vida, mas revela uma realidade da condição humana, em que vivemos sem garantias e temos de lidar com a certeza de que a vida um dia chegará ao fim. Essa angústia pode paralisar, mas também pode ser libertadora, porque nos convoca a assumir a responsabilidade de viver de maneira consciente, sem se esconder atrás de convenções ou da impessoalidade do 'se', em que o indivíduo se perde no coletivo, no generalizado.

Heidegger observa que, no cotidiano, os indivíduos tendem a afastar o pensamento da morte de suas preocupações diárias. A sociedade costuma tratar o morrer como algo que acontece sempre com os outros, transformando-o em um acontecimento distante e impessoal. Ao agir dessa forma, o ser humano evita confrontar sua própria finitude e permanece preso ao modo de existência que Heidegger chama de inautêntico. Fazendo com que a morte seja frequentemente ocultada, silenciada ou reduzida a um simples fato biológico, impedindo uma reflexão mais profunda sobre seu significado existencial.

Em contrapartida, Heidegger propõe que a morte seja reconhecida como parte da própria existência. Isso não significa viver com medo ou desejar morrer, mas compreender que a vida tem um

fim. Quando a pessoa reconhece sua finitude, passa a valorizar mais suas escolhas e a viver de forma mais autêntica. A consciência de que o tempo é limitado dá mais sentido aos momentos da vida e impede que ela seja vivida apenas de maneira automática ou segundo aquilo que a sociedade espera.

Assim, a filosofia heideggeriana oferece uma alternativa para pensar o morrer não como um tabu ou como um problema exclusivamente médico, mas como uma experiência existencial que exige cuidado e reflexão. Ao compreender a morte como parte da condição humana, Heidegger convida a olhar para a finitude de outra maneira. Essa reflexão é especialmente importante em uma sociedade que frequentemente trata a morte como um fracasso da medicina. Nesse cenário, os cuidados paliativos propõem uma abordagem diferente, voltada não apenas para a doença, mas para a pessoa como um todo, oferecendo cuidado, conforto e dignidade nos momentos finais da vida.

2.2. A Medicalização da Morte:

Hoje, o morrer é cada vez mais controlado pela técnica e pela medicina. Aquilo que antes acontecia no espaço familiar e comunitário foi transferido para o hospital, cercado por aparelhos e protocolos que muitas vezes tratam o paciente apenas como um corpo a ser cuidado. Isso só faz com que a autonomia seja perdida e generaliza a experiência.

Ana Cláudia Quintana Arantes, médica e referência em cuidados paliativos, chama atenção que na nossa sociedade evita-se falar da morte, privando as pessoas de se prepararem para ela. Em seu livro *A morte é um dia que vale a pena viver*, ela critica o excesso de medicalização e lembra que o morrer deve ser acompanhado de cuidado integral, que reconheça histórias, vínculos e desejos do paciente. Para Arantes, a morte não é um fracasso da medicina, mas parte da vida, e precisa ser vivida com dignidade. E deve ser tratada de acordo com as necessidades de cada um, não como um tratamento igual para todo mundo.

Quando a medicalização tenta prolongar indefinidamente a vida biológica, muitas vezes não enxerga o sofrimento emocional, social e espiritual de cada paciente. E o morrer se torna um processo marcado pela impessoalidade, com foco na manutenção de funções vitais, e não na qualidade da experiência. A crítica de Ana Cláudia evidencia que, ao negar a morte, a medicina acaba por negar também a humanidade do sujeito, reduzindo-o a um objeto de intervenção técnica.

Luciano Camerino, em *“Ser sujeito da morte”*, destaca que assumir a condição de sujeito diante da finitude é essencial para preservar autonomia e dignidade. Sua reflexão aproxima-se da proposta dos cuidados paliativos, onde defende que o paciente não deve ser reduzido a um corpo, mas reconhecido em sua singularidade. Quando traz a filosofia para o campo da prática clínica, Camerino reforça a importância de unir reflexão existencial e cuidado integral no fim da vida, ampliando o debate sobre a dignidade do morrer, ampliando o debate iniciado por autores como Ana Cláudia Quintana Arantes e Cicely Saunders.

Norbert Elias, em *“A Solidão dos Moribundos”* observa que a sociedade contemporânea tende a afastar a morte do convívio cotidiano, transferindo-a para instituições e contribuindo para a solidão daqueles que se encontram em processo de morrer. Dessa forma, a morte deixa de ser uma experiência compartilhada pela comunidade e passa a ser vivida, muitas vezes, de maneira silenciosa e isolada. Segundo Elias, o sofrimento de quem está morrendo não é apenas físico. Existe também um sofrimento social e emocional causado pelo abandono, pelo silêncio e pela dificuldade que as pessoas têm de lidar com a proximidade da morte. Muitas vezes familiares e amigos não sabem o que dizer e acabam se afastando. O moribundo percebe esse afastamento e pode sentir-se sozinho justamente no momento em que mais necessita de companhia.

Refletir sobre a medicalização da morte é perceber que, mesmo que a tecnologia traga avanços importantes, ela também pode trazer perdas quando ignora a dimensão humana do morrer. Essa reflexão

abre espaço para alternativas que devolvam ao paciente dignidade e autonomia, preparando o caminho para os cuidados paliativos como prática que resgata o cuidado humano no fim da vida.

2.3. Cuidados Paliativos:

Cicely Saunders (1918–2005), reconhecida como fundadora do movimento moderno dos cuidados paliativos, iniciou sua trajetória profissional como enfermeira e, posteriormente, atuou como assistente social antes de graduar-se em Medicina, aos 38 anos de idade. Essa formação interdisciplinar foi determinante para a construção de uma concepção de cuidado voltada ao ser humano em sua integralidade, considerando não apenas os aspectos físicos da doença, mas também as dimensões emocionais, sociais e espirituais do sofrimento. Em reconhecimento à relevância de sua contribuição para a saúde e para a sociedade britânica, recebeu o título honorífico de Oficial da Ordem do Império Britânico (OBE). Essa compreensão do cuidado integral materializou-se na criação do **St. Christopher's Hospice**, em Londres, em 1967, marco fundamental para a consolidação do movimento moderno dos cuidados paliativos e de uma nova forma de assistência às pessoas com doenças ameaçadoras da vida.

Essa forma de cuidado se diferencia da medicina tradicional porque entende que nem sempre é possível prolongar a vida, mas sempre é possível cuidar. O foco passa a ser o bem-estar do paciente e da família, oferecendo apoio para que o morrer seja vivido de maneira mais humana e menos solitária. Desse modo os cuidados paliativos representam uma alternativa ética e sensível frente à medicalização da morte, resgatando o valor do cuidado e da presença no processo de morrer.

2.4. Diálogo entre Heidegger e os Cuidados Paliativos:

A filosofia de Heidegger ajuda a compreender a morte não apenas como fim biológico, mas como parte essencial da existência. Ao reconhecer o ser humano como ser-para-a-morte, ele mostra que viver de forma com consciência da finitude pode abrir espaço para escolhas mais próprias e responsáveis.

Nesse contexto, a contribuição de Luciano Camerino reforça a ponte entre filosofia e prática clínica, mostrando que assumir-se sujeito da morte fortalece a proposta dos cuidados paliativos e resgata o sentido humano do morrer. Como observa Ana Cláudia Quintana Arantes (2019), quando a cura já não é possível, ainda há muito a ser feito pelo paciente por meio do cuidado, do acolhimento e do respeito à sua dignidade.

Os cuidados paliativos trazem essa reflexão para a prática clínica. Ao invés de negar a morte ou tratá-la apenas como fracasso da medicina, eles buscam oferecer cuidado integral, respeitando a singularidade de cada paciente. Nesse sentido, aproximam-se da ideia heideggeriana de assumir a finitude como parte da vida.

Enquanto a medicalização tende a reduzir o sujeito a um corpo a ser mantido, os cuidados paliativos devolvem dignidade e autonomia, permitindo que o morrer seja vivido de forma mais humana. O diálogo entre Heidegger e essa prática mostra que enfrentar a morte com consciência e cuidado pode transformar o fim da vida em um momento de sentido, e não apenas de perda.

2.5. Os Direitos do Moribundo sob a Perspectiva Heideggeriana:

Ao compreender a morte como uma possibilidade constitutiva da existência humana, Martin Heidegger rompe com a concepção que a reduz a um simples acontecimento biológico. Para o filósofo, a finitude integra a própria condição do ser humano e somente pode ser vivida pelo próprio indivíduo, de maneira singular e intransferível. Sob essa perspectiva, pensar o cuidado destinado à pessoa em processo de morrer implica reconhecer que ela permanece sujeito de sua própria existência até o último instante da vida.

Essa compreensão filosófica encontra expressão concreta nos Direitos do Moribundo apresentados por Luciano Camerino em seu livro “Ser Sujeito da Morte”. Mais do que um conjunto de normas voltadas à assistência em saúde, esses direitos representam uma forma ética de reconhecer a autonomia, a dignidade e a singularidade da pessoa diante da finitude, aproximando a prática clínica da compreensão existencial proposta por Heidegger.

Entre esses direitos, destaca-se o de participar ativamente das decisões relacionadas ao próprio tratamento, receber informações claras sobre sua condição clínica, consentir ou recusar procedimentos e ter respeitadas suas diretivas antecipadas de vontade. Esses princípios dialogam diretamente com a noção heideggeriana de autenticidade, uma vez que reconhecem o paciente como protagonista de sua própria existência, mesmo quando a possibilidade de cura já não está presente. Em vez de transformar o indivíduo em objeto das decisões médicas, esses direitos preservam sua capacidade de escolha diante daquilo que constitui a possibilidade mais própria de sua existência que é a Morte.

Outro aspecto relevante refere-se ao respeito à privacidade, às crenças religiosas, aos valores pessoais e às particularidades culturais do paciente. Sob a ótica de Heidegger, o ser humano não deixa de ser um “ser-no-mundo” em razão da doença. Sua história, seus vínculos, suas convicções e sua maneira singular de compreender a existência permanecem constitutivos de quem ele é. Assim, reconhecer esses direitos significa preservar a identidade da pessoa para além do diagnóstico, impedindo que sua existência seja reduzida à condição clínica.

Os direitos relacionados ao alívio da dor, ao acesso aos cuidados paliativos, à possibilidade de escolher, sempre que possível, o local onde deseja permanecer e ao direito de morrer com dignidade também estabelecem um importante diálogo com a filosofia heideggeriana. Ao compreender a morte como dimensão constitutiva da existência, Heidegger afasta a ideia de que o único objetivo da medicina seja prolongar indefinidamente a vida. Nessa perspectiva, cuidar não significa apenas utilizar todos os recursos tecnológicos disponíveis, mas reconhecer que existem situações em que a preservação da dignidade, do conforto e da autonomia representa a forma mais autêntica de assistência.

Além da atenção dirigida ao paciente, Camerino destaca a importância do acolhimento aos familiares durante o processo de adoecimento, morte e luto. Essa compreensão aproxima-se da noção heideggeriana de “ser-com” (*Mitsein*), segundo a qual a existência humana se constitui sempre em relação com os outros. Embora a experiência da morte seja inevitavelmente individual e intransferível, ela repercute sobre aqueles que compartilham a vida do moribundo, tornando o cuidado uma experiência também relacional.

Desse modo, os Direitos do Moribundo podem ser compreendidos como uma concretização ética dos pressupostos existenciais desenvolvidos por Heidegger. Enquanto o filósofo evidencia que a morte integra a estrutura do existir humano e deve ser assumida como possibilidade própria, Camerino traduz essa compreensão em princípios que orientam a prática do cuidado. Ao assegurar autonomia, dignidade, respeito às escolhas e reconhecimento da singularidade do paciente, esses direitos reafirmam que o ser humano permanece sujeito de sua existência até o último instante da vida.

2.6. Análise e Discussão:

Heidegger mostra que a morte não é apenas o fim da vida biológica, mas parte essencial da existência. Ao assumir a finitude, o ser humano pode viver de forma mais consciente, fazendo escolhas próprias e responsáveis. Essa visão ajuda a pensar o morrer não como algo a ser negado, mas como oportunidade de dar sentido à vida.

Ana Cláudia Quintana Arantes chama atenção para o excesso de medicalização. Ela mostra que, ao tentar prolongar a vida a qualquer custo, a medicina muitas vezes ignora o sofrimento emocional, social e espiritual do paciente. Esse modelo transforma o morrer em um processo impessoal, reduzindo a autonomia e a dignidade da pessoa.

Cicely Saunders propôs os cuidados paliativos como resposta a essa lógica. Eles buscam aliviar o sofrimento em todas as dimensões, oferecendo suporte ao paciente e à família. O foco não é apenas prolongar a vida, mas garantir qualidade e dignidade até o fim. Essa prática devolve humanidade ao processo de morrer e reconhece o valor dos vínculos e da singularidade de cada pessoa.

Ao unir essas perspectivas, vemos que Heidegger oferece uma base filosófica para compreender a finitude, Ana Cláudia evidencia os problemas da medicalização e Saunders apresenta uma prática concreta que responde a essas questões. O diálogo entre filosofia e cuidados paliativos mostra que enfrentar a morte com consciência e cuidado pode transformar o fim da vida em um momento de sentido, e não apenas de perda.

Luciano Camerino, em *Ser sujeito da morte*, reforça que assumir a própria finitude é condição para preservar autonomia e dignidade, aproximando-se da visão heideggeriana de que o ser humano é ser-para-a-morte. Ao mesmo tempo, sua reflexão se conecta com os cuidados paliativos, que buscam reconhecer o paciente em sua singularidade e oferecer cuidado integral até o fim.

Camerino amplia o debate iniciado por Heidegger, Ana Cláudia Quintana Arantes e Cicely Saunders, mostrando que pensar a morte como experiência de sujeito fortalece a prática clínica e resgata o sentido humano do morrer, contribuindo para consolidar o encontro entre filosofia e prática clínica, e mostrando que pensar a morte como experiência de sujeito é caminho para uma ética mais humana da finitude.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre a morte a partir da filosofia de Heidegger e das práticas de cuidados paliativos. A análise mostrou que a medicalização tende a transformar o morrer em um processo técnico e impessoal, reduzindo a autonomia e a dignidade do paciente.

Heidegger ajuda a compreender a finitude como parte essencial da existência, chamando o ser humano a viver de forma consciente e responsável.

Ana Cláudia Quintana Arantes evidencia, na prática clínica, os limites da medicalização e a necessidade de resgatar o cuidado integral.

Cicely Saunders, com os cuidados paliativos, oferece uma resposta concreta, que devolve humanidade ao processo de morrer e reconhece o valor dos vínculos e da singularidade de cada pessoa.

Luciano Camerino amplia esse diálogo ao destacar que assumir-se sujeito da morte é condição para preservar autonomia e dignidade. Sua reflexão aproxima filosofia e prática clínica, mostrando que pensar a morte como experiência de sujeito fortalece os cuidados paliativos e resgata o sentido humano do morrer.

Norbert Elias nos leva à pergunta: por que deixamos os que estão morrendo tão sozinhos?

O encontro entre filosofia e prática clínica revela que enfrentar a morte com consciência e cuidado pode transformar o fim da vida em um momento de sentido, e não apenas de perda. Pensar a morte, portanto, não é apenas lidar com o fim, mas abrir espaço para uma vida mais plena, autêntica e verdadeira.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. São Paulo: Sextante, 2016.

CAMERINO, Luciano Caldas. *Ser sujeito da morte*. Juiz de Fora: Editora LIBER ARS, 2020.

DU BOULAY, Shirley. **Cicely Saunders: the founder of the modern hospice movement**. London: Hodder & Stoughton, 1984.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos: seguido de Envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012.

SAUNDERS, Cicely. **Hospice care on the international scene**. London: Edward Arnold, 1978.

APÊNDICE

A escolha deste trabalho foi motivada não apenas por vivências pessoais, mas também por experiências acadêmicas. Ao acompanhar processos de morte em diferentes contextos, percebi como a medicalização tende a transformar o fim da vida em um momento impessoal, marcado por protocolos técnicos e pela perda de autonomia do paciente. Em contraste, testemunhei situações em que o cuidado integral esteve presente, revelando que o morrer pode ser vivido com dignidade, vínculo e humanidade.

Essa vivência encontrou espaço na disciplina “Reflexões Filosóficas sobre a Morte”, ministrada pelo meu professor/orientador Luciano Caldas Camerino. As discussões realizadas em sala de aula aprofundaram minha compreensão sobre a finitude e despertaram novas inquietações acerca da relação entre filosofia e prática clínica. Foi nesse espaço acadêmico que percebi a importância de pensar a morte não apenas como evento biológico, mas como experiência existencial e ética.

Por fim, a motivação para este estudo nasce do encontro entre experiência pessoal e formação acadêmica. O contraste entre a morte medicalizada e o cuidado integral, somado às reflexões filosóficas propostas na disciplina, que consolidou a escolha do tema e reforçou a relevância de aproximar filosofia e cuidados paliativos como caminhos para resgatar a dignidade e a humanidade no processo de morrer.